

ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS MARIA CECILIA DE MAGALHÃES MOLLIKA E MARIA APARECIDA LINO PAULIUKONIS, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Entrevistadas por:
Fernanda Vieira (Mestranda em Literaturas de Língua Inglesa)
Thaís Almeida (Mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada)

MARIA CECILIA DE MAGALHÃES MOLLIKA



É professora titular do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutora em Linguística e Filologia (UFRJ) e pós-doutora em Linguística pela UnB. É pesquisadora I do CNPq e responsável pelos Programas PDJ/CNPq e PNPD/CAPES, supervisionando estágio de pós-doutoramento. Formou mais de uma geração de mestres e doutores, alguns dos quais já titulares ocupando cargos de liderança em diversas Instituições de Ensino Superior. É líder de Pesquisa do Programa de estudos sobre o uso da língua. Transita em fronteiras do conhecimento que envolvem a Faculdade da Linguagem Humana, Linguagens artificiais, Saúde e Educação. Além de pesquisa básica, desenvolve pesquisa aplicada no campo da Linguística Educacional, Tecnologia e Inovação, no âmbito do Paradigma da Escola Inclusiva. Publicou inúmeros livros ao longo de sua carreira, como “Fala, letramento e inclusão social” (2007), “Da linguagem

coloquial à escrita padrão” (2003), “Influência da fala na alfabetização” (2016, 2ª. ed), entre outros.

MARIA APARECIDA LINO PAULIUKONIS



É professora titular do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Pós-Doutorado em Análise do Discurso pela Universidade Paris 13, sob a supervisão de Patrick Charaudeau; tem orientado vários alunos de Graduação - Iniciação científica - e de Pós-Graduação (Mestrado, Doutorado, além de supervisionar também estágio de Pós- Doutorado). Desenvolve pesquisas e tem publicações em Semântica lexical, Linguística do Texto e Análise do discurso de base comunicacional. Possui inúmeras publicações, como autora e organizadora, dentre elas os livros “Língua Portuguesa: da teoria à prática - Semântica e léxico do Português” (2010), “Da língua ao discurso: reflexões para o ensino” (org. 2005), “Linguagem e discurso: modos de organização” (org. 2008), entre outros.

As professoras são, há 4 anos, Coodenadora e Vice-Coordenadora do Polo UFRJ do PROFLETRAS, Mestrado profissional em Letras – que funciona em âmbito Nacional, com sede na UFRN – e estão encerrando o ciclo de gestão do projeto, por estarem no limite do permitido por legislação. Conversamos com Cecília Mollica e Aparecida Pauliukonis sobre variação linguística, formação de educadores e sobre os desafios do estudo da variação

como parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Ambas expandem as perguntas com respostas elucidativas e instigantes, coroando sua longa trajetória, de intensa atividade em todos os níveis, como professoras e pesquisadoras em campos cruciais do ensino, tendo diversas orientações ao longo dos anos e sendo autoras de diversos artigos e livros nas suas áreas de atuação.

PALIMPSESTO

Considerando os contextos tecnológicos possíveis hoje, como redes sociais e trocas de mensagens rápidas que permitem inúmeras variantes, e que ainda assim a pedagogia da variação encontra resistência em algumas esferas e entre alguns educadores, como essas plataformas digitais podem auxiliar na quebra desses paradigmas que ainda resistem?

CECILIA MOLLICA E APARECIDA PAULIUKONIS

Profa. Mollica: É fato que a pedagogia da variação ainda está em fase de pesquisa e já há muita contribuição na área em livros de MOLLICA, BORTONI-RICARDO, LUCIA CYRANKA. São especialistas na área voltados para a linguística educacional. [...]

As plataformas digitais, sem dúvida, seriam excelentes estratégias, somando-se ao que já temos em ambiente off-line. [...] Já existe uma ferramenta, denominada SABERE, desenvolvida por Hadinei Batista, que vem sendo usada para a interação entre alunos e alunos e alunos e professores. A ferramenta é de grande valia porque filtra um número

muito grande de variáveis, para além daquelas que a sociolinguística sempre controlou, permitindo assim aprofundar o conhecimento do perfil sociolinguístico do utente e concorrer para o desenvolvimento de pedagogias dirigidas a diferentes comunidades discursivas.

Profa. Pauliukonis: A rapidez da comunicação on-line permite que se aproxime a escrita da interação oral, o que fatalmente permite aproximação das duas modalidades, com predomínio de variações típicas da fala, como lacunas, implícitos e subentendidos situacionais. São comuns recursos à abreviação, típicos do “Internetês”, linguagem da Internet, na interação on-line. A Escola não devia ignorar a vida fora do ambiente escolar e poderia até aproveitar o domínio que os jovens têm sobre essas ferramentas e transformá-las em aliadas na aprendizagem da modalidade padrão formal que se pode/deve ser feita pela Escola.

PALIMPSESTO

Ainda no mesmo tema, essas competências linguísticas podem ser utilizadas como base para o desenvolvimento da competência escrita?

CECILIA MOLLICA E APARECIDA PAULIUKONIS

Profa. Mollica: Em se tratando de variação, há que se assinalar que a fala exerce enorme pressão na escrita. Sendo assim, é de se esperar variação nas duas modalidades como fenómeno natural em todas as línguas e muitas marcas de oralidade nos registros escritos em distintos gêneros e estilos textuais. Há muitas dissertações e teses sobre isto no âmbito do PROFLETRAS. Meus livros “Influência da fala na alfabetização” (2016, 2ª. ed., Tempo

Brasileiro) e “Da fala coloquial à escrita padrão” (2003, Editora 7LETRAS) são bons materiais para responder à pergunta.

Profa. Pauliukonis: Sim, os alunos seriam instigados a reconhecer as marcas da oralidade e outras próprias do “Internetês” e poderiam ser convidados a transformá-las em novas variantes cultas do idioma, conscientizando-os de que se tratam de variantes, adequadas a cada gênero textual.

PALIMPSESTO

O estudo da variação, ainda que parte das exigências do PNLD, ainda não é efetivo. Qual tipo de trabalho pode ser feito para que isso seja superado?

CECILIA MOLLICA E APARECIDA PAULIUKONIS

Profa. Mollica: O PROFLETRAS e iniciativas voltadas para a formação continuada já estão implementadas. Todas podem e devem suprir as lacunas no letramento, naturais no processo de escolarização. Novas iniciativas de pesquisa devem insistir neste tema.

Profa. Pauliukonis: Os livros didáticos, em geral, não tratam bem desse rico tema da variação, ainda partem da ideia de que se deve centrar a descrição da língua em um tipo de variante padrão homogênea, ignorando-se outros usos que estariam adequados a cada situação definida pelo contexto. Um trabalho apropriado seria a conscientização de que a linguagem é um fenômeno social e comportamental que revela a natureza do ser humano

em sua complexidade cognitiva, social e tecnológica e que, portanto, está sujeita a variações e a mudanças.

PALIMPSESTO

Como as senhoras observam o cenário nacional e as políticas atuais de combate ao analfabetismo?

CECILIA MOLLICA E APARECIDA PAULIUKONIS

Profa. Mollica: Políticas de combate ao analfabetismo sempre fizeram parte da pauta de todos os Governos. O tripé formado pela excelência na formação de professores, por escolas em tempo integral, estímulo ao aluno de como estudar (estudo dirigido), constituem ingredientes indispensáveis para o combate ao baixo letramento das populações mundiais. Vale assinalar que o analfabetismo não é exclusivo do Brasil, de modo que o problema não foi ainda equacionado por várias nações no mundo contemporâneo. Pode vir a aumentar até em virtude do fenômeno das migrações.

Profa. Pauliukonis: Como bem lembrou Cecilia, o combate ao analfabetismo depende de vários fatores entre eles a formação continuada dos professores, escolas em período integral, salários dignos e atenção às políticas públicas de boa alimentação e saúde das crianças. Muita coisa já vem sendo feita, como oferta de creches, escolas para todos e iniciativas como o PROFLETRAS, Mestrado de formação continuada para professores do ensino fundamental, mas ainda resta um longo caminho para chegarmos ao ideal.

PALIMPSESTO

A partir de um olhar histórico, bem como do cenário atual, as senhoras consideram que o distanciamento da produção acadêmica em relação às camadas populares é um fator contributivo para a manutenção do preconceito linguístico?

CECILIA MOLLIKA E APARECIDA PAULIUKONIS

Profa. Mollica: O preconceito de toda ordem é inerente aos indivíduos em virtude de os grupos étnicos e antropológicos possuírem valores e costumes diferentes. Dificilmente, portanto, o denominado preconceito linguístico vai desaparecer completamente, pois não é atinente à estrutura da língua, mas é da ordem da estrutura social, das atitudes e crenças dos usuários.

Profa. Pauliukonis: O preconceito linguístico está arraigado na sociedade que sempre viu o letrado como superior e defendeu o alijamento das classes sociais - desfavorecidas e analfabetas- das decisões políticas, haja visto que o voto do analfabeto e até o das mulheres é coisa recente, no Brasil e em grande parte de outros países.

Se a produção acadêmica se distanciava das camadas populares até passado recente, hoje a situação está mudando. Há muita bibliografia e novos estudos que procuram ter um outro olhar e apresentam uma melhor compreensão do que seja o fenômeno linguístico em sua complexidade. Também diretrizes do MEC como os PCN e novas leis das Secretarias da Educação têm incentivado o tratamento do problema pela Escola, em novos moldes, mas como sabemos as mentalidades mudam devagar e o preconceito social e linguístico é uma realidade.

Como citar esta entrevista:

VIEIRA, Fernanda; ALMEIDA, Thaís. Entrevista com as Professoras Maria Cecilia Mollica e Maria Aparecida Lino Pauliukonis. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 23, jul-dez 2016. p .626-633. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num23/entrevista/palimpsesto23entrevista01.pdf> >. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.